

**ENTRE O DESEJO, A PAIXÃO, A DÚVIDA E
A SOLIDÃO: AS MIL E UMA NUANCES QUE
ENVOLVEM E REVOLVEM O PESQUIŠAR**

**AMONG DESIRE, PASSION, DOUBT AND SOLITUDE:
THOUSAND SHADES REVOLVING AND INVOLVING THE
ACT OF RESEARCHING.**

Ana Paula Sabiá

Resumo

Neste ensaio proponho a articulação da problemática sobre a escrita de tese a partir dos textos selecionados na disciplina Seminário de Pesquisa I. A paixão pela pesquisa é um salto para o autoconhecimento.

A fatídica pergunta 'quem somos nós?' torna-se tanto inquietante quanto instigante quando compreendemos que não existe apenas uma resposta que satisfaça tal sentença. Quaisquer que sejam, tais respostas serão sempre múltiplas, permeáveis, fluídas e efêmeras; eternos percursos transitivos entre o absoluto e o peculiar. Por isso o pesquisar: ação humana consciente na tentativa de compartilhar uma perspectiva subjetiva que dialogue no coletivo e que, por assim o ser, possa vir ampliar os variados modos de existência e ideais sobre o mundo e nós mesmos.

Palavras-chave: pesquisa acadêmica; escrever a tese; escrita com criação

Abstract

In this essay I propose the articulation of the problem of the thesis writing from the texts selected in Research Seminar I discipline. The passion for research is a leap into self-knowledge. The fateful question 'who are we?' becomes both unsettling and exciting when we understand that there is not an answer that satisfies such a sentence. Whatever such responses are always multiple, permeable, fluid and ephemeral; transitive eternal pathways between the absolute and the peculiar. Then explained the search: conscious human action in an attempt to share a subjective perspective that dialogue in the collective and, so being, can come to expand the various modes of existence and ideas about the world and ourselves.

Keywords: academic research; thesis writing; written as creation;

*Uma tese mais que uma boa idéia,
é na essência uma boa pergunta.*

FREITAS, Maria Ester de. "Viver a tese é preciso!" in: A bússola do escrever, p.220

ISSN: 2175-2346

Ana Paula Sabiá
Doutoranda em Artes Visuais: linha Ensino das artes visuais na Universidade
do Estado de Santa Catarina – Udesc – Centro de Artes - Ceart
anasabia.as@gmail.com

1. Ser ou não ser, eis a questão? ¹

De um modo generalizado, somos todos sujeitos questionadores. Viver é uma aventura grandiosa e assustadora na qual o infindo questionamento a respeito de quem somos, que rege cada novo ciclo e deslocamento experienciado, aflora em consciência mais urgente quando imersos no pesquisar, seja este qual for. A fatídica pergunta 'quem somos nós?' torna-se tanto inquietante quanto instigante quando compreendemos que não existe apenas uma resposta que satisfaça tal sentença. Quaisquer que sejam, tais respostas serão sempre múltiplas, permeáveis, fluídas e efêmeras; eternos percursos transitivos entre o absoluto e o peculiar. Por isso o pesquisar: ação humana consciente na tentativa de compartilhar uma perspectiva subjetiva que dialogue no coletivo e que, por assim o ser, possa vir ampliar os variados modos de existência e ideais sobre o mundo e nós mesmos.

De maneira particular, julgo a epígrafe que inicia esse texto muitíssimo instigante, talvez pela obviedade do fato de que estou em processo de elaboração de minha tese acadêmica. Ainda me encontro questionando qual seria uma boa pergunta de pesquisa, aquela tal que provocará em mim o(s) desejo(s) da(s) resposta(s). E, já sabido, os desejos são produtores da realidade pois os afetos, provindos das experiências significativas, guardam em si a centelha de reflexão do ocorrido. Tal experiência - quando consciente - dispõe da base que opera o movimento de construção do concreto, do prático e da ação em todas as instâncias do conhecimento.

O fluir do desejo, neste caso, deverá circunscrever-se em dado processo de criação da escrita - esta como um maiores desafios do pesquisar - pois pressupõe assumir o risco emocional e intelectual de experimentar-se, expor-se, falhar, modificar. O ato criador, porém solitário, da escrita tem a força de suscitar nossos anjos e demônios internos que nos julgam e condenam ou apoiam e nos envaidece. Tudo isso no ato mesmo do escrever. Segundo Marguerite Duras, Jacques Derrida, Clarice Lispector e, certamente, muitos outros pós-estruturalistas, existem duas maneiras de escrever: para comunicar o resultado e escrever o que ainda não se sabe para que, enquanto se escreve, se pensa o pensamento.

Escrever é um mistério. Nunca saberei o motivo pelo qual se escreve, nem como não se escreve², cito Duras e evidencio seu/nosso dilema. O valor da pesquisa e da sua escrita é que podemos nos reinventar, superar o confortável, assumir o risco a partir da coragem da persistência. É estabelecer um espaço de reinvenção de si e do mundo, no qual tanto o ser quanto o não ser são infinitas multiplicidades complementares, e não excludentes entre si. Escrever, mesmo na esfera acadêmica encharcada do imperativo de rigor científico, requer admitir também certa ficção enquanto verdade que habita o engano (afinal de contas - e ainda bem! - nenhum de nós estamos imunes a ele). E aqui abro espaço para devanear poeticamente junto ao nosso saudoso Manoel de Barros: "Noventa por cento do que eu escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira".

2. Marcel Broodthaers e Keila Kern: de mãos dadas com a invenção

1 Frase do monólogo de personagem Hamlet, de W. Shakespeare (1605), aqui a invoco como questionamento.

2 DURAS, Marguerite. "Escrever", p.18

À primeira leitura, a anterior citação do poeta mato-grossense parece brincar com duas palavras diferentes - invenção e mentira - para dizer a mesma coisa. Engano meu. Entre invenção e mentira existe entendimentos e significações tão dispares quanto céu e mar (ainda que a tênue linha do horizonte que os separa é apenas uma compreensão ótica e racional).

Segundo uma rápida consulta no dicionário da língua portuguesa, a palavra invenção abarca as cinco significações referente ao ato da descoberta, da criação de algo novo e do inédito, tanto enquanto idéias, argumentos, formas de persuasão e objetos concretos. Entre estas aparece também "mentira para enganar". Por sua vez, a palavra mentira corresponde ao "s.f. Ação ou efeito de mentir. Ludíbrio; falsidade; ilusão."³

Escrever uma tese, ainda que baseada em dados objetivos, é mesmo inventar. É um posicionar-se sobre/com determinado tema e entretecer evidências (material empírico obtido a partir dos estudos/pesquisa de campo) e plausibilidade (que é da ordem dos afetos explicativos). Pesquisar/escrever é então um combinar de coisas/ideias inusitadas e impensadas pelo Outro, como define Duras, "escrever livros que me ainda eram desconhecidos e ainda nunca decididos por mim e nunca decididos por ninguém."⁴

Daí a competência de uma boa pesquisa: aquela que sai das obviedades, dos clichês, das zonas de conforto, das moralidades instituídas, das insensibilidades dominantes, do avançar à reflexão dormente, da construção da sutileza, da ampliação de perspectivas. O caso Broodthaers e Kern pode exemplificar tais qualidades.

Durante o processo de estudo da disciplina foi-nos proposto que escolhêssemos uma tese para apresentá-la aos demais colegas, no que concerne ao objeto de pesquisa, seu percurso metodológico, o equilíbrio entre evidências e afetos explicativos e particularidades genuínas. A tese "Marcel Broodthaers: Museu de Arte Moderna Departamento das Águias", autoria de Keila Kern, foi escolhida pelo grupo ao qual me integrava.

Admito minha dificuldade para entender aquele trabalho. A começar pelo próprio artista, Broodthaers, que eu ignorava até então. O trabalho acadêmico de Keila Kern, defendido na linha de ensino de poéticas visuais, aparentemente propõe ser um livro-tradução de algum catálogo de mostra do artista belgo. Essa minha primeira impressão foi devido à inscrição "Agora em português", que estampado na capa prolonga o título. De fato, enganei-me.

O objeto de estudo de sua tese foi a obra "Museu de Arte Moderna Departamento das Águias" de Marcel Broodthaers, realizada entre 1968 e 1972, na qual ela propõe a crítica institucional como assunto norteador de pesquisa. O fato curioso é que o Museu de Broodthaers é ficcional e, de mesmo modo coerente, assim também é a tese de Kern. A autora não se propõe a falar da crítica institucional e sim fazê-la, a partir do desejo de reconstituir o Museu de Arte Moderna de Broodthaers estando em sua casa no Brasil e diante de seu computador. As indagações de Kern entreteciam modos de fazer aquela reconstituição e ideais de exposição daquele museu, na tentativa de recuperá-lo como objeto de arte e trabalhar com a descrição crítica, de modo a possibilitar

3 Fonte: <http://www.dicio.com.br/mentira/>

4 DURAS, Marguerite. "Escrever", p.13

que, especificamente, o público brasileiro interessado pudesse elaborar sua própria crítica de acordo com nossa linguagem e entendimento perspectivados pela cultura brasileira.

A apresentação final de sua invenção enreda evidências e plausibilidade em um "Livro-Exposição", que apesar de sua concreticidade é também um arquivo em PDF: expõe os objetos do Museu de Broodthaers através de imagens, naquele espaço específico da tese (onde não há problemas legais para uso de imagens) para divulgar o assunto. "O espaço determinou o uso"⁵.

Kern credits sua experiência pessoal como artista e professora de história da arte como aspecto fundamental na trama entre evidências e aspectos dos afetos explicativos, fato pelo qual defende sua escolha pelo assunto e construção de legado de sua tese. O fato inédito, e muito instigante, é a aposta consciente em uma pesquisa acadêmica que propõe deixar um legado - à futuros leitores, curiosos e pesquisadores em geral - de sua proposta de crítica institucional de um museu ficcional através de uma pesquisa virtual! Diante disso, é possível definir se - ou, até que ponto? - a invenção ou a mentira balizam o Museu de Broodthaers? E, por conseguinte, a tese de Keila Kern? Apesar dessas perguntas propor defesas fervorosas, por um ou outro ponto de vista, talvez uma resposta mais aproximativa que desfaça margens seja a mesma frase, acima citada, do Manoel de Barros.

3. Solidão dialógica ou Da busca pelo equilíbrio entre os afetos explicativos e as evidências

A pesquisa é uma experiência amorosa e essa relação, como todas as demais, é feita de multiplicidades. A partir de minha vivência anterior, no âmbito da academia com a pesquisa de mestrado, atesto esse fato. Naquela ocasião compreendi o tanto que fui afetada por uma paixão da investigação, com todos os prazeres e dores inerentes⁶. Por isso a decisão de continuar agora no doutorado: para sofrer e ter prazer, me desencontrar e reinventar-me através dos processos singulares da paixão e do amor que se dá na pesquisa. Vive-la. Descobrir-me. Transformar-me. Morrer. Renascer. Compartilhar. Reconhecer-me. Escrever. Duvidar. Desacreditar. Criar. Chorar, pois "nunca chorar é não viver."⁷ É necessário ter a maturidade em admitir que, apesar de amar minha pesquisa, não existe amor perfeito e, de mesmo modo, não existe pesquisa perfeita. Sócrates sabiamente define: "Amar é dar aquilo a quem não é aquilo que não se tem."

5 KERN, K.

6 Em troca de mensagem virtual com Kern, ela se posiciona: "A pesquisa foi inteiramente feita no Brasil. Na verdade tentei mesmo, de propósito, experimentar sobre o que seria possível saber sobre este museu (sobre uma obra de arte qualquer) estando no Brasil. Era parte do projeto de crítica institucional este teste. Sempre digo "pesquisa realizada na frente de um computador ligado na web e ao lado de um cartão de crédito". Desta forma fiz os movimentos que me foram possíveis: empréstimo de livros, compra de livros estrangeiros em livrarias, sebos e leilões, conversas e tempo. E então, pela leitura, retirei dela os aspectos críticos e dispensei-os a fim de reter o que fosse descritivo do objeto para retornar ao original, na medida do possível." (Keila Kern, resposta de mensagem no Facebook em 28/03/2016). Em ocasião de finalização da escrita da minha dissertação, publiquei em rede social no dia 19/01/2015 a imagem de "A dança", de Henri Matisse (1909) com um breve desabafo: "Cabeluda, sobrancehuda, sem maquiagem, unha roída, roupa amarfanhada, relacionamentos humanos colocados em algum nível de suspensão e, mesmo assim, me sentindo triunfante: consequência direta do prazer - e dor - de concluir o último ponto final da dissertação. As pequenas-grandes alegrias da vida!"

7 DURAS, M. p.54

O amor pela tese é evidenciado através da linguagem da escrita apaixonada. Como a paixão se transforma em linguagem? Segundo o espirituoso e apaixonado texto "Viver a tese é preciso!", Maria Ester de Freitas atesta que quem escreve a tese a vê apaixonadamente como objeto de adoração, acredita que aquilo seja a coisa mais importante da vida e, durante esse processo, acha que tudo - e todos os assuntos e pessoas em qualquer circunstância - estabelece conexão com a própria pesquisa. Paixão à flor da pele!

No entanto, é necessário encontrar um equilíbrio na dosagem da escrita-farmakon, para que não ultrapasse a sutil moderação determinante entre a cura e o veneno. A busca desse controle, entre um e outro, nos é revelado por Marguerite Duras em seu tocante relato sobre o ato da sua escrita⁸. É curioso o modo como ela mescla suas histórias de acontecimentos e afetos pessoais - como, por exemplo a compra de sua casa e a descrição de sua arquitetura, divisória dos cômodos, o entorno do imóvel e seus hábitos de escrita nesse espaço doméstico - com o relato de seus evidentes posicionamentos políticos críticos, suas particularidades de humor, seus encontros amorosos ou a sua provável dependência alcoólica (caso não escrevesse ou não pudesse fazê-lo). Seu relato pessoal é embebido de afetos e memórias de sua vida particular entremeados às suas criações literárias, aos seus personagens vívidos e complexos como qualquer sujeito de carne e osso. Sem dúvida nos enreda e emociona⁹.

O fato de que escrevo uma tese e não um romance não deveria ser decisivo na condição de uma escrita rígida e asséptica. E, assumo, que não será. Principalmente, porque o assunto que me propus pesquisar me desperta o desejo em sua busca, este sim pressuposto básico para o que quer que seja. Continuarei percorrendo com a temática que relaciona arte contemporânea e questões de gênero, sendo que, agora na tese, buscarei concatenar essa relação junto também à educação¹⁰.

Como já explicitiei, ainda estou em busca do recorte mais satisfatório para minha pesquisa. Busca que dialoga com a dúvida. E aqui, poeticamente, Duras põe o dedo na ferida quando diz que escrever é nomear a dúvida, e colocar em linguagem acessível o que, às vezes, não se admite quando tudo, todos e nós mesmos somos colocados em dúvida; quando estamos perdidos, no fundo do poço, quando pensamos que nada mais temos a perder, escrevemos.

Estou consciente de que o tema a que me propus debruçar é, ainda hoje, tanto uma emergência quanto um tabu. A mulher como sujeito de direito, detentora de suas escolhas e destino, ainda é assunto desautorizado em muitas esferas sociais, institucionais, culturais, políticas, históricas¹¹. Embrenhar-me nesse panorama conflituoso, requer a força feminina e feminista que irrompeu em mim desde que assumi minha voz, meu corpo, minha história e consequências. Desde então, meu posicionamento ético,

8 DURAS, M. "Escrever"

9 Fui particularmente afetada por sua descrição do presenciar consciente e sensível dos últimos minutos de vida de uma mosca ordinária. A delicadeza de sua escrita com estupor e consciência da complexa trama que conecta toda e qualquer forma de vida me remeteu a "A paixão segundo G.H." de Clarice Lispector. Aliás, nunca havia lido Duras até então, e esse texto me pareceu tão íntimo, de mesmo modo como compreendo Clarice. A partir de hoje irei atrás de maior conhecimento sobre sua literatura.

10 A discussão crítica entre arte e gênero surgiu a partir da minha pesquisa de mestrado em Psicologia Social, defendida em 2015 na UFSC, com o título "Madonnas contemporâneas em série fotográfica: relações estéticas e produção de sentidos sobre a maternidade".

11 Em tempo, prova disso é o recente absurdo propagado pela revista *Veja* com sua tentativa de propagar em pleno 2016 o ideal de mulher "bela, recatada e do lar", jogando no lixo mais de 50 anos de ativismos e militâncias de milhares de mulheres na busca de estabelecer nossa igualdade de escolhas e direitos.

estético e político como mulher, artista, mãe, cidadã, pesquisadora, inventora, ser humano não se abate tão facilmente na primeira dificuldade (e outras que, certamente, virão). Aliás, Duras que tornou-se eterna, já havia dito: "Os homens não o suportam: uma mulher que escreve. É cruel para o homem"¹². De modo que, escolho entrar nessa seara na qual temos o dever de continuar afirmando (e lutando o quanto necessário) que temos sim o direito à escrita, o direito de dizer, ainda que isso, infelizmente, seja algo ignorado por muitas mulheres. Busco dar minha contribuição juntando-me ao coro de vozes continua lutando para legitimar e valorar o lugar da mulher nos variados âmbitos da arte e contrariar aos pressupostos hegemônicos que, infiltrados nos discursos das variadas esferas sociais, querem manter ou delegar às mulheres apenas a escolha de ser "bela, recatada e do lar"¹³.

O objeto da pesquisa deseja proximidade e profundidade. Compete-nos encontrar meios e modos de proporcionarmos-nos este tempo/espço de conexão e desconexão conosco mesmos, possibilitando assim a dobra para nosso próprio enriquecimento. Em primeira instância, somos nosso maior objeto de pesquisa pois somos arenas de "embates de forças internas e externas que nos ensina muito sobre nós mesmos.

(...) Por esse motivo, muitos de nós saímos da tese muito melhores de quando entramos."¹⁴

Duras, Freitas, Lispector, entre outros, defendem que a escrita só é possível quando estabelecida a solidão. E só então que, habitados pelo desejo criativo podemos pensar o pensamento:

A escrita é o desconhecido. Antes de escrever não sabemos de nada acerca do que vamos escrever. Com toda a lucidez. É o desconhecido de nós mesmos. Se soubéssemos o que escrever antes de o fazer, nunca escreveríamos. Não valeria a pena. (...) Escrever é tentar saber aquilo que escreveríamos se escrevêssemos - só o sabemos depois.¹⁵

Esse pensamento de Duras me é particularmente tocante. Procuro continuamente estabelecer meu espaço/tempo de solidão em minha rotina cotidiana para mim mesma e meus projetos criativos, ainda que tenha um companheiro, um filho pequeno, administre minha casa e cumpra meus compromissos e demandas relativos à academia. Talvez por ser filha única, ter nascido e vivido 22 anos da minha vida em uma grande metrópole que é São Paulo, ter tido pais que trabalhassem fora de casa e bastante autonomia desde meus doze anos de idade, configurou o fato de me sentir confortável na solidão criativa. No entanto, é inegável que apesar da solidão para a escrita ser necessária, uma tese é feita a partir de muitas pessoas envolvidas que viabilizam tempo, ideias, financiamentos, apoios diversos que são indispensáveis para sua concretização.

12 DURAS, M. "Escrever", p.18

13 Polêmica manchete veiculada pela revista Veja em 18/04/2016; "Marcela Temer: bela, recatada e "do lar", a quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice"; Fonte:<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>

14 FREITAS, Maria Ester de. "Viver a tese é preciso!" in: A bússola do escrever, p.225

15 DURAS, M. "Escrever", p. 55-56

4. A escrita torna-nos selvagens¹⁶ ou “Um bom livro é como a noite, aberto, indomado, promove a liberdade ao mesmo tempo em que denuncia o luto negro de todas as vidas¹⁷”

Escrever em solidão habitada é uma entrega a nós mesmos, ao nosso delírio apaixonado do ato criativo que em certo senso também convoca uma dose de loucura. Assim afirma Duras, assim afirma, também, minha referência maior Clarice Lispector. O ato da escrita, por ser um afazer introspectivo e anti-social, a longo prazo, vulnerabiliza qualquer seja nossas certezas: pessoal, intelectual, comportamental, emocional.

O próprio pesquisar, dependendo do comprometimento, é por si uma atitude rebelde pois implica em um envolver-se e revolver o estabelecido como norma. A selvageria a que estamos entregues, tanto no pesquisar quanto no escrever, remete a esse entendimento de que a realidade não é algo estanque, petrificada e conclusa, mas sim uma incessante construção coletiva. Por conseguinte, quanto mais se pesquisa mais compreendemos o pouco que sabemos sobre todas as coisas... só sei que nada sei¹⁸.

O pesquisador/escritor é indivíduo permeável e sensível à afecção e produção de afetos. A viabilidade do ineditismo, da invenção, da selvageria criativa se faz a partir de uma inicial passividade apaixonada, atenção, disponibilidade e exposição, esferas que comportam a vulnerabilidade e o risco pois, desbotam conceitos normatizados e instituídos ampliando novos horizontes. Isso é também fortalecido pelo fato de que, aquilo que nos sensibiliza se enraíza na memória e a narrativa dessa memória - tanto para si mesmo quanto para o Outro - é constituinte da construção subjetiva, que atesta a diversidade e riqueza interior de cada sujeito.

No entanto, no âmbito acadêmico qualquer pesquisa que se proponha singular, desviante da norma e da conduta, deve partir de um “conhecimento de causa”. É primordial contextualizar o problema de pesquisa dentro da área de estudo a partir de uma atenta revisão de literatura, que nos balizará dos avanços já conquistados, ou em processos, sobre os assuntos que estamos investigando. Tanto vital, “pois a construção do conhecimento científico não se dá isoladamente, mas é parte de uma trama coletiva em processo contínuo em complementação ou contestação das realizações precedentes.”¹⁹ Pensar no objeto da pesquisa para, então, ir atrás da bibliografia - que ajudará e apoiará meus argumentos - é articular plausibilidade e evidência; e, assim imbuídos de afetos e ciência de fatos, estaremos preparados também para percebermos uma serendipidade ou sermos capazes da resiliência.

A pesquisa é um caminho ético, estético e político que pressupõe ousadia e risco pois, mais que repetir idéias alheias, pretende-se elaborar as próprias ideias e conceitos. Realizá-la é concebê-la como um salto, no qual seu valor dependerá do quanto aptos estamos para impulsionarmos-nos nesse salto.

O percurso da pesquisa também é inesperado, cheio de bifurcações. Alguns

16 DURAS, M. “Escrever”, p.24

17 idem. p.35

18 Célebre frase atribuída a Sócrates.

19 ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. “ A Revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno”

atalhos podem ser tentadores, mas também podem nos tirar o prazer de perceber a serendity pelo caminho. Torna-se um pouco angustiante a pergunta - necessário no processo seletivo - "qual é o caminho da minha pesquisa?" Essa é a diretriz lógica que cumpre a necessidade de uma definição metodológica que, tanto imobiliza quanto prescreve. Ora, é tão mais animador crer e concretizar que o método é o caminho depois de percorrido! É dialogar com Benjamim, Nietzsche, Derrida, Foucault, Deleuze, que argumentam sobre combinações, desconexões, surpresas e rebeldias inerentes ao processo, no qual o pesquisar-escrever é a maestria de combinar tempos, colher ideias e elementos para seguir adiante. Como um jogo de baralho, para ser bom jogador-pesquisador deve-se conhecer todas as cartas. Aí faz-se o caminho metodológico que então dependerá onde se quer chegar.

Se estamos em constante fluxo histórico-cultural-político-econômico-social nada mais coerente do que mantermos nossos interesses e certezas permeáveis pelo contexto móvel, no qual tanto o pesquisar quanto o escrever é parte integrante de um panorama maior e coletivamente construído. Resta-nos refletir qual tipo de conhecimento busca-se construir dentro dessa arena de tantas forças atuantes, para então esboçar a direção metodológica. É vital estarmos comprometidos, interessados, dispostos e bem intencionados ao incluir e oferecer esse "mapa" ao Outro, que será um amálgama de sujeito/objeto/colaborador, indicador de êxito ou não da crucial pergunta: por que estou fazendo essa pesquisa? Para quem?

Se somos imersos e integrantes da cultura e dela somos partícipes - enquanto agentes de conservação, construção e subversão - atentos (e sábios!) são os que se apropriam e exercem a máxima proferida por Godard: "A cultura cria a regra e a arte cria a exceção".

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A Revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno, in: A bússola do escrever, p.25-44
- CHEREM, Rosângela. Anotações da aula Seminário de Pesquisa I. UDESC, SC, 2016
- DURAS, Marguerite. Escrever, Trad. de Rubens Figueiredo, São Paulo: Ed. Rocco
- FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso!, in: A bússola do escrever, p.215-226
- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 2009
- KERN, Keila. Marcel Broodthaers: Museu de Arte Moderna Departamento das Águias, Tese de doutorado na linha de poéticas visuais, defendida na ECA -USP, 2014.
- SABIÁ, Ana Paula. Madonnas contemporâneas em série fotográfica: relações estéticas e produção de sentidos sobre a maternidade. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, 2015.